

Design e Valorização da Memória do Artesanato Sateré-Mawé

Design and Valuing the Memory of Sateré-Mawé Craftwork

Julia Teles da Silva, doutora, PUC-Rio

juliateles@gmail.com

Hannah Lima Farbiarz, mestrandia, PUC-Rio

h.farbiarz@gmail.com

Nilza Rogéria de Andrade Nunes, doutora, PUC-Rio

n.rogerianunes@gmail.com

Jackeline Lima Farbiarz, doutora, PUC-Rio

jackeline@puc-rio.br

Número da sessão temática da submissão – [05]

Resumo

O artigo apresenta uma experiência intercultural entre as autoras e integrantes do povo Sateré-Mawé, com o objetivo de analisar a situação atual do artesanato da etnia e propor caminhos para o fortalecimento de sua tradição. A pesquisa parte da constatação da perda de conhecimentos e do desinteresse pelas práticas visuais e materiais tradicionais, discutindo como o Design, em uma abordagem decolonial e colaborativa, pode contribuir para a valorização desses saberes, fazendo um diálogo com a antropologia. A metodologia incluiu pesquisa de campo na Terra Indígena Andirá-Marau, em Maués (AM), em julho de 2025, com entrevistas semiestruturadas e uma oficina de memória do artesanato, realizada segundo princípios de pesquisa-ação. A experiência foi bem recebida pela comunidade, revelando o potencial do Design como instrumento de escuta e diálogo intercultural, ainda que se reconheça a necessidade de ampliar a duração e o alcance das próximas oficinas para o fortalecimento contínuo das tradições artesanais.

Palavras-chave: Sateré-Mawé; Artesanato Indígena; Design Vernacular

Abstract

This article presents an intercultural experience between the authors and members of the Sateré-Mawé people, aiming to analyze the current state of the ethnic group's handicrafts and propose ways to strengthen their tradition. The research was triggered by the observation of loss of knowledge and disinterest in traditional visual and material practices, discussing how Design, in a decolonial and collaborative approach, can contribute to the appreciation of this knowledge, in a dialogue with anthropology. The methodology included fieldwork in the Andirá-Marau Indigenous Territory, in Maués (AM), in July 2025, with semi-structured interviews and a workshop on the handicraft memory, conducted according to action-research principles. The experience was well received by the community, revealing the potential of Design as an instrument for listening and for intercultural dialogue, even while recognizing the need to extend the duration and scope of future workshops for continuous strengthening of handicraft traditions.

Keywords: Sateré-Mawé; Indigenous Craftwork; Vernacular Design

1. Introdução

Na região do médio rio Amazonas, entre duas Terras Indígenas (TI) denominadas Andirá-Marau e Coatá Laranjal, vive a etnia indígena Sateré-Mawé. Com aproximadamente 28 mil pessoas, segundo o Censo de 2022, essa é a décima terceira etnia mais populosa do Brasil. Neste artigo, a pesquisa concentrou-se na TI Andirá-Marau, localizada no município de Maués, Amazonas.

A cultura material Sateré-Mawé é marcada pelo uso de materiais da floresta e é através do artesanato que são feitos diferentes objetos importantes na tradição do povo. Leituras e conversas com moradores das aldeias da TI e com voluntários que trabalham com o povo antes de nossa viagem, revelaram que parte desses conhecimentos tradicionais vem se enfraquecendo, sobretudo entre os jovens. Diante disso, este estudo busca compreender a situação atual do artesanato Sateré-Mawé e identificar caminhos para o fortalecimento de sua tradição, por meio de um diálogo entre o Design e os saberes indígenas.

A pesquisa está vinculada à dissertação de mestrado de uma das autoras e ao pós-doutorado da outra, este último relacionado ao Programa de Extensão na Pós-Graduação (PROEXT-PG) e a viagem foi parcialmente financiada pela Capes. A visita de campo ocorreu em julho de 2025 e incluiu entrevistas com artesãos e a realização de uma oficina de memória do artesanato, concebida como espaço de escuta e troca de saberes. Partindo de uma perspectiva decolonial, entendemos que o Design tem mais a aprender do que a ensinar nesse encontro.

O artigo apresenta a experiência da visita de campo à Terra Indígena Andirá-Marau, em que foram feitas entrevistas semiestruturadas com artesãos e foi realizada uma oficina de memória do artesanato. Nesse sentido, propõe refletir sobre como o Design pode contribuir para a valorização da memória e da cultura material Sateré-Mawé, sem impor modelos externos, mas atuando como parceiro na preservação de conhecimentos e práticas tradicionais.

2. Artesanato Sateré-Mawé, Design e Antropologia

Há mais de 70 anos, o antropólogo Nunes Pereira, que passou um período com os Sateré-Mawé relatou a destreza deste povo na arte da cestaria:

“Urus, paneiros, cestos, puças, peneiras, abanos, vassouras, jamais são tecidos pelos Maués com a palha das palmeiras existentes nas matas e nos igapós do Andirá. Hoje é comum encontrar-se chapéus magnificamente tecidos por essa gente.” (Nunes Pereira, 1954, p. 66)

Um elemento muito importante da cultura material desse povo é o Porantim, sobre o qual o antropólogo escreveu na época. Nunes Pereira explica que o Porantim é um objeto mágico para os Sateré-Mawé. Talhado em madeira escura e pesada, em formato de remo, é passado de um tuxaua (chefes políticos Sateré-Mawé) a seu sucessor, e é muito bem guardado. Há diferentes símbolos gravados em baixo relevo no Porantim e pintados com uma fina camada branca de tinta tabatinga (pigmento de argila branca). Os símbolos contam histórias do povo - sua origem e “acontecimentos guerreiros, sociais, políticos e religiosos, bem assim lendas

conhecidas por grande número de indivíduos da tribo.” (Ibid, p. 82) O autor explica que, para os Sateré-Mawé, no Porantim “se encerram as suas origens divinas e seu destino humano, as lições dos antepassados e suas leis, o seu código moral e a sua fé, a sua poesia e a sua arte.” (Ibid, p. 84). Apesar da importância desse objeto para o povo, os tuxauas relatam que hoje já não há quem saiba decifrar seus símbolos, já que quem sabia, já se foi.

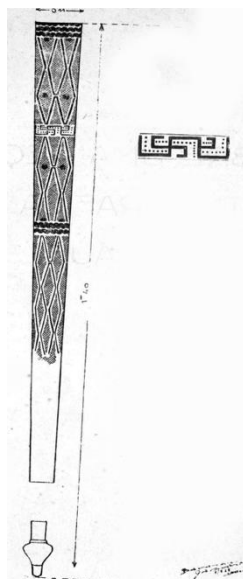


Figura 1: Porantim apresentado por Nunes Pereira. Fonte: Nunes Pereira, 1954.

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Andirá-Marau explica que, atualmente, há três Porantins na TI, mas que ninguém mais sabe fazer a leitura deles, já que “os antigos se foram”. Logo, é importante recuperar as histórias presentes no objeto mágico, já que a leitura do Porantim costumava ser um evento muito importante, só ocorrendo em momentos essenciais (Lorenz & Mendonça, 2023, p. 98).

A designer Suzane Gomes (2019) fez sua tese de doutorado sobre o artesanato Sateré-Mawé, buscando entender a simbologia presente nessa tradição. Ela explica que tradicionalmente, o artesanato da etnia apresenta grafismos que representam elementos da natureza, da fauna e da flora locais. Porém, o conhecimento acerca dessa simbologia vem sendo esquecido, e muitos artesãos reproduzem alguns símbolos sem saber seu significado.

Ao trabalharmos com Design em uma comunidade indígena, há o desafio de não se ter uma abordagem colonial. A designer Elizabeth Tunstall (2013), em artigo sobre Design decolonial e antropologia, explica que originalmente a Antropologia tinha uma abordagem colonial e questiona se isso não acontece também com o Design. O conceito de inovação, tão importante no Design, está associado a uma visão empresarial, industrialista e ocidental. Mas a autora defende que outras culturas também têm Design e inovação e que não podemos separar artesanato de Design. É muito importante levar em conta o conhecimento que as populações tradicionais têm. Para Tunstall, em uma abordagem decolonial, devemos acabar com a separação entre artesanato e Design. Ela explica que povos indígenas africanos, por exemplo, não estudaram cor como classificada pela Bauhaus, mas entendem muito de cor. E, a partir

do design participativo escandinavo, ela defende que ao se trabalhar com povos tradicionais, é importante que os diferentes envolvidos devem participar do processo do design.

“O que eu quero dizer por *metodologia decolonizada* é um sistema de métodos, princípios, e regras livres do viés dos últimos cinco séculos de colonização e imperialismo, e que assim contribui para a autodefinição e a autodeterminação daqueles anteriormente colonizados.” (Tunstall, 2013, p. 238, Nossa Tradução)¹

Escobar (2018) explica que o Design e a Antropologia têm muitas tensões entre si - o Design, que é orientado para a ação, questiona a falta de capacidade da Antropologia de interagir de maneira proativa com aqueles com quem trabalha - e a Antropologia acusa o Design de ser produtivista e orientado para o mercado. No entanto, as duas áreas do conhecimento podem encontrar um caminho para interagir e terem aprendizados mútuos. E isso passa pelo Design buscar caminhos que não sejam apenas orientados para o mercado, e tendo o cuidado de escutar populações marginalizadas. Diferentes modos de saber podem cocriar algo novo e uma perspectiva decolonial é importante para fortalecer a autonomia de grupos marginalizados (Escobar, 2018, p. 97).

Buscamos entender contribuições que o Design pode trazer para a valorização da memória do artesanato Sateré-Mawé, tendo um posicionamento de que o Design é uma ferramenta para o fortalecimento daquilo que já existe. Lia Krucken fala da importância de usar a “capacidade de propor soluções de design que “empoderem” atores” ao se trabalhar em um território (Krucken, 2017, p. 330). É na perspectiva de fortalecimento dos artesãos e indígenas e suas técnicas que trabalhamos.

3. Encontro com o artesanato Sateré-Mawé

Chegamos à Terra Indígena Andirá-Marau no final de julho de 2025. Antes, durante e depois da vivência na TI, tivemos a autorização formal de todos os tuxauas das aldeias que visitamos do povo Sateré-Mawé. Todas as interações que as autoras tiveram com os moradores da região foram consentidas, sempre de maneira ética e com termos de consentimento livre esclarecido assinados também. Assim, as autoras conseguiram garantir o respeito mútuo e a proteção dos participantes que aceitaram participar dessa interação com o artesanato e em outras atividades que foram realizadas na TI Andirá-Marau.

Lá, conhecemos e conversamos com dois artesãos - o professor Izaquiel Gastão, da aldeia Monte Horebe, e o artesão Adelson Manoel de Oliveira, da aldeia São Pedro. Izaquiel Gastão, como muitas pessoas em Monte Horebe, trabalha com artesanato de sementes e penas de aves. Ele nos mostrou como as sementes são furadas - com uma peça pontiaguda - uma agulha ou um pedaço de tesoura, em um movimento contínuo para furar. É um processo trabalhoso e Izaquiel relatou que, frequentemente, as pessoas acabam se espetando e se machucando.

¹ Original em inglês: What I mean by *decolonized methodology* is a system of methods, principles, and rules free from the biases of the last five centuries of colonization and imperialism, and that thus contributes to the self-definition and self-determination of those formerly colonized.

Disse que faz falta uma ferramenta mais adequada para fazer os furos e auxiliar na agilidade e precisão.



Figura 2: Izaquiel mostra como faz um furo em semente usando lâmina de tesoura. Fonte: arquivo das autoras, 2025.

Além de furar, as sementes são lixadas para dar brilho. Ele nos mostrou uma folha seca que serve como lixa, mas também são usadas lixas compradas.



Figura 3: Izaquiel mostra o uso de folha como lixa para alisar sementes. Fonte: arquivo das autoras, 2025.

Para muitos povos indígenas, ao se alimentar de um animal é necessário que ele não tenha dado sua vida em vão. Desse modo, povos como os Inuit, por exemplo, localizados no Ártico, são conhecidos por darem valor e utilizarem todas as partes de sua caça. Os ossos do animal são utilizados como facas, a carne é consumida e os pelos são utilizados para fazerem roupas de frio. No caso dos Sateré-Mawé não é muito diferente. Para conseguir as penas, são priorizadas e caçadas aves coloridas, como papagaios. Os Sateré-Mawé se alimentam da carne da ave e fazem artesanato com as penas, “a gente aproveita tudo”, diz Izaquiel. Assim, foi perguntado a ele também sobre o fato de ser ilegal a venda de artesanatos que utilizam penas de aves, mas nos foi explicado que o artesanato é em escala pequena. O povo Sateré-Mawé

sempre teve a tradição de aproveitar as aves tanto para comida quanto para uso das penas, assim como outros animais que consomem. É um uso em pequena escala, local.



Figura 4: Izaquiel mostra artesanatos com penas coloridas. Fonte: arquivo das autoras, 2025.

Adelson Manoel de Oliveira, da aldeia São Pedro, trabalha com cestaria, ou teçume, como é chamado na Amazônia. Ele trabalha principalmente com fibra de arumã, mas também usa fibra de jacitara, que é mais espessa. Adelson é um artesão habilidoso, que desenha diversos padrões com as fibras, inclusive consegue escrever palavras usando fibras tingidas de preto ou vermelho. Ele explica que a cestaria é um trabalho demorado e que leva mais de uma semana para fazer uma peneira com grafismo ou algo escrito. E, no entanto, ela é vendida por apenas R\$200,00, demonstrando um valor abaixo do que o de mercado quando turistas buscam comprar um artesanato como esse.



Figura 5: Trabalho de cestaria de Adelson com fibra de arumã. Fonte: arquivo das autoras, 2025.



Figura 6: Adelson explica que leva um dia para fazer a linha da moldura e mais um dia para fazer a primeira letra, que são as etapas mais difíceis desta peça de fibra de arumã. Fonte: arquivo das autoras, 2025.



Figura 7: A cesta de fibra de jacitara é mais resistente. Fonte: Arquivo das autoras, 2025

Ele conta que aprendeu o ofício com um curso que durou um ano, de 2001 a 2002, em que um artesão foi levado pela prefeitura para ensinar a técnica de cestaria. Desde então, ele manteve a prática. Mas conta que é difícil os jovens se interessarem pela cestaria, pois demanda muito tempo e paciência. E não houve outro curso depois desse.

4. Oficina de memória de artesanato

Em uma primeira visita à aldeia Monte Horebe, fomos recebidas pela liderança, Abias Pereira, que nos falou do projeto de fortalecimento do artesanato na comunidade. Nós combinamos de voltar dali a três dias para dar nossa oficina. Monte Horebe é uma comunidade com população que possui aproximadamente 178 pessoas, divididas entre 40 casas. É uma comunidade Sateré-Mawé, em que as pessoas falam o idioma nativo.

A partir da pesquisa bibliográfica sobre a etnia Sateré-Mawé havíamos preparado uma oficina de memória de artesanato tradicional. A ideia foi levar um material que ajudasse as pessoas a resgatarem alguns conhecimentos presentes naquela cultura, mas que têm sido pouco usados. Preparamos uma folha com imagens de artesanatos tradicionais Sateré-Mawé, apresentando a fotografia do Porantim com alguns de seus significados, retirados do livro de Nunes Pereira, e colocamos também fotografias de cestaria Sateré-Mawé. Levamos folhas coloridas com o desenho das tiras da cestaria para serem recortadas e fazermos um exercício de cestaria em papel. Imprimimos várias cópias para levar, e levamos também tesouras, lápis e canetas coloridas.

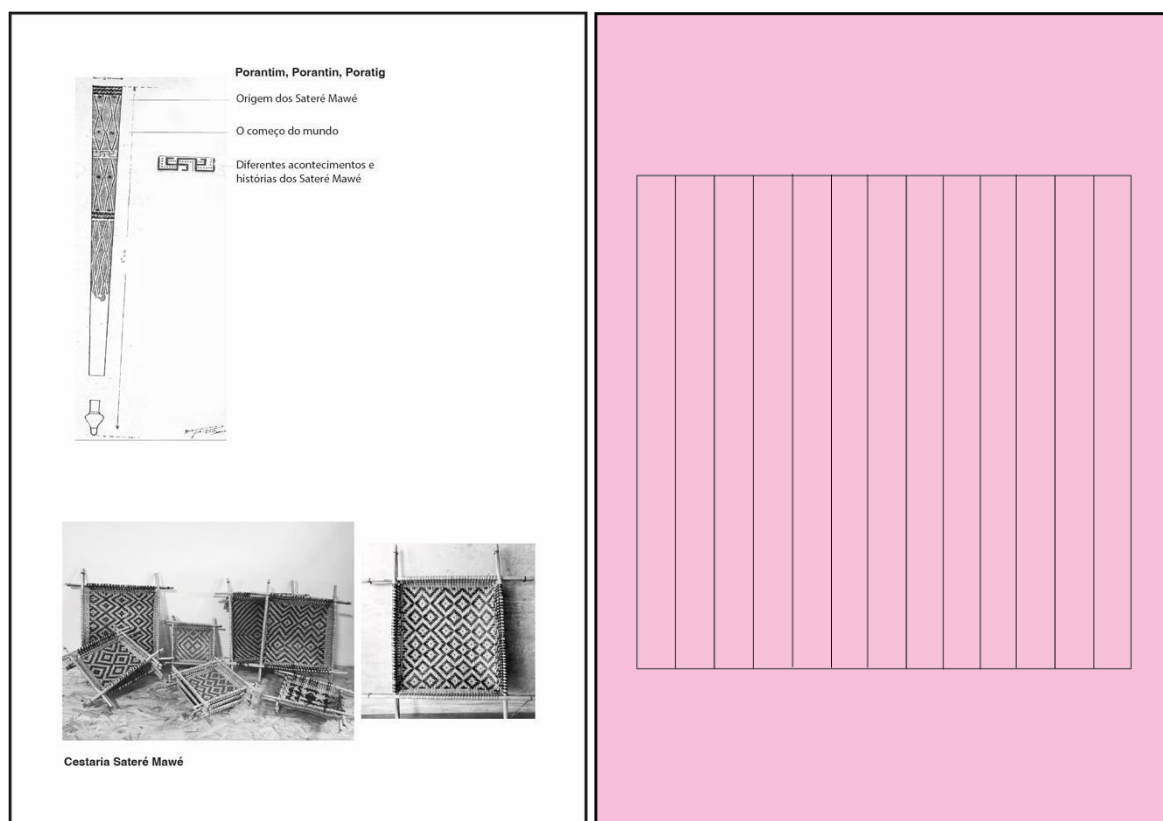


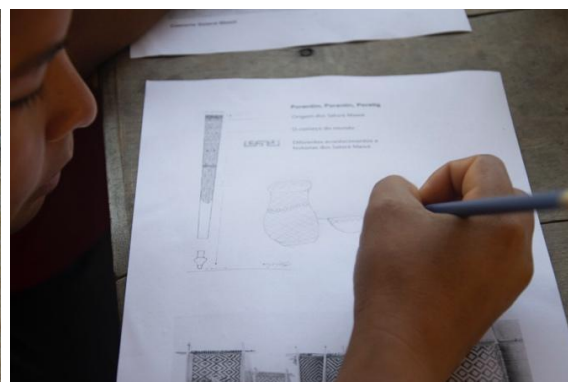
Figura 8: Folhas que foram preparadas para a oficina – o padrão à direita foi impresso em folhas de quatro cores. Fonte: arquivo das autoras.

Inicialmente, a oficina tinha sido pensada somente para mulheres da comunidade, tendo em vista que a maior parte dos artesanatos são feitos por elas. Porém, crianças e rapazes também decidiram participar da oficina, o que foi algo muito positivo. Os jovens são alunos de Izaquiel e aprendem sobre a importância do artesanato na escola.



Figura 9: A oficina teve a participação de pessoas de diferentes idades e gêneros. Fonte: arquivo das autoras.

Após distribuirmos as folhas, pedimos que cada um desenhasse algo relacionado ao artesanato. Perguntamos se aquelas imagens os faziam lembrar de outros artefatos e símbolos Sateré-Mawé e se eles conheciam variações dos artefatos apresentados e que outros artesanatos tradicionais Sateré-Mawé eles conheciam. Ficamos surpresas com a concentração e cuidado com que todos começaram a desenhar, crianças e adultos. Em silêncio, fazendo os desenhos com todo cuidado. Desenharam várias peças de artesanato, e uma moça escreveu o nome do objeto em português e em Sateré.

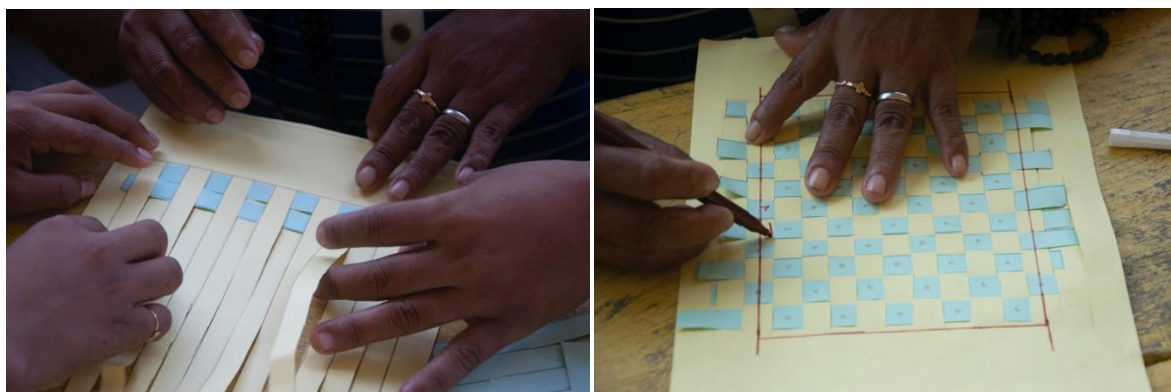


Figuras 10 e 11: Participantes desenhando imagens de cestaria sateré-mawé. Fonte: arquivo das autoras.



Figura 12: Desenho de artesanatos com nome em português e em Sateré-Mawé. Fonte: arquivo das autoras.

Também fizeram o exercício de cestaria com todo cuidado e uma das mulheres foi além do proposto, fazendo uma cestaria com uma padronagem diferente.



Figuras 13 e 14: Exercício de cestaria. Fonte: arquivo das autoras.



Figura 15: Uma das participantes da oficina fez uma padronagem mais complexa. Fonte: arquivo das autoras.

Achamos a oficina proveitosa e tanto os participantes quanto os moradores que não participaram, mas observaram foram bem receptivos a ela. O tuxaua Abias Pereira, da aldeia

Monte Horebe, nos disse, posteriormente, que a comunidade havia gostado muito daquele encontro. A oficina ocorreu apenas durante uma manhã, por conta de outros compromissos de visitas em outras aldeias. Sendo assim, acreditamos que são precisos mais desdobramentos.

Entende-se que o trabalho artesanal envolve um saber-fazer: “o saber, acumulado através dos tempos, materializado no que é aludido como a *tradição* na produção artesanal; e o fazer, habilidade manual adquirida ao longo da experiência de vida do artesão” (Noronha, 2017, p. 292). Nós, como designers, por querermos respeitar a tradição artesanal, não podemos interferir nesse saber-fazer. Mas podemos colaborar com materiais para fortalecer o saber-fazer de algumas práticas que correm o risco de se perder.

5. Considerações Finais

Sabemos que, atualmente, muitos povos indígenas vivem o desafio de manter vivas sua cultura material, língua e seus costumes, diante das pressões da civilização ocidental, sobretudo com o acesso à internet. Professores Sateré-Mawé nos relataram o desafio de manter vivo o interesse pelas tradições, em um momento que muitos jovens passam a usar o celular. E os eletrônicos trazem uma relação muito imediatista com o mundo, enquanto o artesanato requer tempo, paciência e um trabalho minucioso - ele ocorre em outro ritmo.

A cultura material Sateré-Mawé está fortemente relacionada à floresta - no uso de sementes e fibras naturais que são retiradas sem se derrubar uma árvore. E com o uso de símbolos que remetem a elementos da natureza. Assim, o Design tem muito a aprender com os Sateré-Mawé sobre o conhecimento de fibras naturais e outros materiais da floresta. Esse é um saber que precisa permanecer presente nas próximas gerações. Acreditamos que o Design também pode contribuir para manter viva as culturas material e visual dos Sateré-Mawé. A apresentação de alguns materiais didáticos relacionados a essa cultura, que estimulem a reflexão, o desenho e as trocas são um caminho possível para ser mais desenvolvido. Alguns desafios se colocam para os designers nesse processo, como a barreira linguística - boa parte da população não é fluente em português. Apesar disso, entendemos a importância de escutar e observar, pois os designers têm mais a aprender nesse processo do que a ensinar. Assim, quando o Design está aberto à humildade e à profundidade, pode deixar de ser um decorador de sistemas em queda, para se tornar cocriador de mundos possíveis. Noronha (2017) entende que podem ser considerados designers todos aqueles que têm um conhecimento prático da atividade, independente de sua formação: “Venho aqui defender o ponto de vista de que construir metodologias colaborativas de design, na contemporaneidade, implica assumir a possibilidade de que todos os envolvidos na atividade projetual são *designers orgânicos*”. (Noronha, 2017, p. 290)

Em síntese, a experiência realizada com o povo Sateré-Mawé demonstrou que o Design, quando orientado por princípios decoloniais e colaborativos, pode atuar como um mediador sensível entre memória, território e criação artesanal. A escuta atenta e o respeito à cosmovisão indígena revelam caminhos possíveis para um Design comprometido com a autonomia cultural e com a preservação dos saberes tradicionais, indo além da lógica

produtivista que historicamente marcou a disciplina. A oficina de memória do artesanato mostrou-se um instrumento eficaz para estimular o diálogo intergeracional e a reflexão sobre o valor simbólico e material das práticas artesanais. Entretanto, a curta duração da atividade e as barreiras linguísticas evidenciam a necessidade de desdobramentos futuros, como a realização de oficinas mais longas, bilíngues e cocriadas com os próprios artesãos. Assim, o Design se posiciona como campo de aprendizado e parceria, contribuindo para a continuidade viva da cultura material Sateré-Mawé e para a construção de futuros mais plurais e sustentáveis.

Referências

- ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy and the Making of Worlds**. Durham and London: Duke University Press, 2018.
- GOMES, Suzane M. B. **Processos Simbólicos na Produção dos Artefatos Sateré-Mawé**. R. S. Barros (orientadora). Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, 2019.
- LORENZ, Sonia & MENDONÇA, Pollyana (organizadoras). **Yi Esaikap: Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Andirá Marau, Povo Sateré-Mawé**. Brasília: Centro de Trabalho Indigenista, 2023.
- KRUCKEN, Lia. **Conexões criativas entre pessoas e lugares: possíveis ações do designer em projetos no território**. p. 359 a 371. In: Ecovisões projetuais : pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil [livro eletrônico] / organização Alfredo Jefferson de Oliveira, Carlo Franzato, Chiara Del Gaudio. – São Paulo : Blucher, 2017.
- NORONHA, Raquel. **O designer orgânico: reflexões sobre a produção do conhecimento entre designers e louceiras em Itamatatuiá – MA**. p. 277-294. In: Ecovisões projetuais : pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil [livro eletrônico] / organização Alfredo Jefferson de Oliveira, Carlo Franzato, Chiara Del Gaudio. – São Paulo : Blucher, 2017.
- NUNES PEREIRA. **Os índios Maués**. Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1954.
- TUNSALL, Elizabeth. **Decolonizing Design Innovation: Design Anthropology, Critical Anthropology, and Indigenous Knowledge**. In: Gunn W, Otto T, Smith RC, eds. *Design Anthropology: Theory and Practice*. London: Bloomsbury, 2013. p. 232-250.
- CENSO 2022: BRASIL TEM 391 ETNIAS E 295 LÍNGUAS INDÍGENAS | AGÊNCIA DE NOTÍCIAS. 24 out. 2025. **Agência de Notícias - IBGE**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44848-censo-2022-brasil-tem-391-etnias-e-295-linguas-indigenas>. Acesso em: 25 out. 2025.